

Uma cultura em que o “sim” é “não” e o “não” é “sim”

Walter Andrade Parreira

Essa questão da diversidade de culturas, o fato de palavras, gestos e mímicas terem significados próprios em culturas diferentes, não é algo sem importância e que eu possa negligenciar. Uma situação, em especial, foi responsável por esse ensinamento, mostrando-me que até mesmo gestos tidos como universais podem não sê-lo. Ela aconteceu na mesma viagem em que levei a “lição americana” do rapaz cubano. Estávamos, Kika e eu, na estação ferroviária de Sófia, capital da Bulgária, e procurávamos o trem que partiria para a cidade de Varna, local do congresso do qual iríamos participar. Dois trens, já cheios de passageiros, com as máquinas ligadas, preparavam-se para sair. Um deles era o nosso, mas não sabíamos qual. Havia algo escrito nos vagões, porém, não entendíamos o que era, sequer se era o nome da cidade de destino – o alfabeto da Bulgária (cirílico) é diferente do nosso, os signos têm outra forma, outro desenho, não são como as nossas letras. Com as bagagens no chão, na plataforma entre os trens, perguntei a alguém, na janela de um deles:

– Varna? – e apontei para o seu vagão. A pessoa disse alguma coisa que, obviamente, não entendi e, ao mesmo tempo, balançou afirmativamente a cabeça, num gesto de “sim”. Kika e eu pegamos as sacolas e mochilas e entramos no trem. Aproximou-se um fiscal e mostrei-lhe nossas passagens, para confirmar se estávamos no trem certo. Ele fez que sim com a cabeça, mas apontou para o outro trem, que quase já começava a sair. E, falando alguma coisa e vendo que eu não compreendia, pegou uma parte da nossa bagagem e desceu com ela, obrigando-nos a fazer o mesmo. Nós não entendemos a situação, mas, sem outra alternativa, o acompanhamos até um dos vagões do outro trem, em cujos degraus ele depositou as sacolas. Hesitei em entrar e perguntei às pessoas debruçadas na janela desse trem:

– Varna???

Elas fizeram que não, balançaram negativamente a cabeça, mas nos chamaram, acenando para entrarmos. O fiscal do primeiro trem praticamente nos empurrou escada acima. Não tivemos outra saída: entramos e, enquanto acomodávamos a bagagem no chão, os vagões deram um solavanco e começaram a andar. Nós não sabíamos para onde estávamos indo, mas fosse qual fosse o destino daquele trem, era nele mesmo que iríamos, não dava mais para descer. Vi um fiscal, mostrei-lhe o bilhete de passagem, apontei para a palavra Varna escrita nele, novamente procurando confirmar se estávamos indo mesmo para essa cidade. O homem também balançou negativamente a cabeça, fazendo um “não”, mas pegou uma das nossas malas

e nos conduziu a uma cabine com dois lugares vagos. Continuamos não entendendo, mas não havia nada a fazer, senão aceitar e seguir o que estava acontecendo.

As cabines tinham dois bancos, um de frente para o outro, com espaço para quatro pessoas em cada um. Eu me sentei num deles e Kika no outro, junto às outras seis pessoas que os ocupavam. Todos na cabine reconheceram de imediato, por nossa aparência e nossas roupas, tão diferentes das suas, que éramos de outro lugar – pelo jeito com que nos olhavam parecia que éramos mesmo até de outro planeta. Ficamos em silêncio durante todo o tempo que o trem levou para deixar a cidade e até alcançar uns bons quilômetros fora dela. Quando arrisquei conversar alguma coisa com Kika, todos se voltaram imediatamente para nós, observando-nos e estranhando nosso modo de falar. Ficamos sem graça e nos calamos. Eles ficaram nos olhando, como que esperando e querendo que falássemos mais. E, quando falamos, eles riram, riram muito. Então a situação tornou-se mais constrangedora, pois ficamos ainda mais envergonhados de conversar, pelo modo como eles nos observavam. Assim, viajamos em silêncio mais tempo, até que entendi que a melhor coisa a fazer era tentar nos comunicar com eles. Eles estavam de olho em nós e eu disse, então, apontando para Kika e para mim:

– Brasil, Brasil!!! – eu esperava uma reação, um “ah!” de reconhecimento, de que compreendessem, de que nos identificassem de algum modo. Mas a decepção foi completa: o que sucedeu foi um enorme branco, ninguém falou nada. Talvez nunca tivessem ouvido falar do nosso país, ou a pronúncia poderia ser diferente para eles. Lembrei-me então do cubano:

– América!!!

– Ahhhhh!!! – dessa vez eles entenderam. Era por ali que conseguiríamos nos comunicar. Peguei, então, o mapa que carregava, no qual marcara os lugares por onde passáramos, e o abri no chão. Foi uma alegria geral na cabine, pois era uma possibilidade de nos entendermos. Todos chegaram seus olhos mais perto, onde eu apontava no mapa e dizia: Brasil, Brasil! Ninguém mostrou, no entanto, o menor entusiasmo, mas intuíram que morávamos naquele lugar e que ali se chamava Brasil. Mostrei a distância do Brasil até a Bulgária e o percurso que havíamos feito para chegar até seu país. Circulei o continente americano e o europeu e apontei outros lugares mais conhecidos. Ficamos, os oito, olhando mais um bom tempo para o mapa, até que o assunto se esgotou. O silêncio se fez novamente e a falta de graça voltou. Não sabíamos mais como ou o que conversar sem usar palavras – não tínhamos o hábito de nos comunicar através da mímica. Mas um deles teve uma boa idéia: o trem passava perto de uma boiada; ele apontou para os bois e, ao mesmo tempo, voltou com o dedo para o mapa, para o Brasil:

– *Bracill!* – obviamente, perguntando se no Brasil havia bois. Imediatamente, Kika e eu, com o maior sorriso do mundo, felizes de estarmos conseguindo comunicar algo, fizemos que “sim” com as cabeças, balançando afirmativamente, carregando forte no gesto positivo. Foi o maior branco na cabine, o maior silêncio, a maior decepção, nem um pequeno “ah”, senão algumas risadas que não entendemos. Aí um deles pegou um lápis e um papel e desenhou um cachorro, apontando para ele e para o mapa. Novamente carregamos no balanceio da cabeça: “sim, claro que temos cachorro no Brasil”, dizíamos. Houve um silêncio e, então, eles começaram a rir e riram, riram muito... e nós não entendemos. Uma mulher tomou o papel e o lápis e desenhou um cavalo: sacudimos outra vez a cabeça para cima e para baixo e a situação se repetiu: eles riram, riram sem parar. Desenharam um carneiro e deu-se o mesmo. Um gato, e a cabine estourou de rir. Apareceram algumas casinhas na paisagem. Um deles apontou para elas e para o mapa e, quando fizemos que “sim”, e eles, mais uma vez, riram sem parar, Kika e eu nos olhamos, ao mesmo tempo, de repente entendendo, incrédulos:

– Walter, a mímica deles é ao contrário da nossa...!

– Não dá pra acreditar, mas só pode ser... é isso mesmo...! Não é só o alfabeto que é diferente, a mímica também!

Nós nos olhávamos estupefatos e começamos a rir, a rir junto com eles. O absurdo da situação, a surpresa deles a cada “sim” que tentávamos dizer, seguido das suas risadas, foi nos fazendo entender o que era absolutamente impensável para nós: os sinais eram invertidos, o significado dos gestos era o contrário, a linguagem não verbal às avessas. Balançar a cabeça para os lados, o que para nós significa “não”, era “sim” para eles, e o balanço positivo, para frente e para trás, o nosso “sim”, era o negativo, era o “não” deles. Era demais! Jamais poderíamos imaginar aquilo! Nunca tínhamos ouvido falar que tal inversão existia. Acontece que tomamos o nosso mundo como referência e achamos que tudo é igual a ele – a experiência vinha nos lembrar que o nosso mundo é apenas *um* mundo... e que existem outros, muitos, incontáveis e infinitos outros.

Nós entendíamos, enfim, o que se passara lá na estação, na nossa partida, quando, devido à confusão das mímicas, não entendíamos em qual trem embarcar. E entendíamos, também, o que se passara ali na cabine: nós estivemos a dizer-lhes que no Brasil não havia nada, nada daquilo que nos perguntaram, não havia um daqueles animais sequer e, por isso, eles riram tanto: no Brasil não havia boi, não havia cavalo, carneiro, gato... era uma terra sem bichos, sem animais. Apressamo-nos, então, a corrigir o equívoco. Corremos a apontar para os bois que apareciam lá fora e, com o dedo no mapa, no Brasil, a balançar negativamente a cabeça, dizendo

que “sim”, que no Brasil havia gado, sim. Eles levantaram as sobrancelhas, menearam as cabeças, num misto de concordância e de surpresa, como se dissessem que, enfim, estávamos falando coisa com coisa; estávamos menos loucos.

Naquele momento eu ri sozinho, pensando a confusão que seria tentar contar a eles – através, é claro, da própria mímica, única possibilidade de nos comunicarmos – que a nossa mímica era o contrário da sua: como fazê-lo? Não havia jeito, não havia mesmo. Como usar só de gestos, inclusive o balanço da cabeça, para comunicar-lhes que o próprio balanço da cabeça tinha significado contrário? Tarefa impossível, problema sem solução, mas que acabou resolvido um pouco depois e de maneira involuntária. Continuávamos a “conversar” e uma das pessoas apontou para um rebanho de carneiros lá fora e, ao mesmo tempo, para o desenho do carneiro que haviam feito e para o mapa:

– *Bracilll?* – fizemos, certinho, o nosso gesto negativo com a cabeça e eles entenderam que nós também tínhamos carneiros, mas essa informação ficou incoerente com a anterior, quando, através do desenho, disséramos que não tínhamos. Um fiscal nos interrompeu para conferir as passagens e, logo que saiu, um deles tomou o lápis e perguntou:

– *Bracilll?*

Eu fiz que “sim” com a cabeça, mas na nossa forma e, novamente, deu o maior branco, seguido de mais risadas, pois eu estava dizendo que no Brasil não tínhamos lápis. Naquela ligeira interrupção do fiscal eu já me esquecera de que a mímica era invertida e rapidamente me corrigi. E, quando alguém retirou de dentro de uma sacola um pão preto, ofereceu a todos e apontou para ele e perguntou “*Bracilll?*”, querendo saber se havia pão em nosso país, e eu errei novamente, foi o estalo para eles, deu o click. Era tão óbvio que tinha que haver pão no Brasil, que aí eles descobriram, entenderam. Aquele erro, somado aos outros, revelou-lhes que as mímicas eram ao contrário. E aí foi engraçadíssimo – eles riam, riam, riam muito, mais ainda do que já haviam rido, balançando as cabeças uns para os outros, brincando com as mímicas, confundindo e misturando os gestos, espantados e incrédulos como nós, quando fizemos a mesma descoberta.

No decorrer da viagem, que demorou mais de nove horas, trocamos mil palavras, conseguimos desenvolver muito nossa capacidade de conversar e de nos entender, apesar de volta e meia nos esquecermos e trocarmos novamente os gestos. Mas aí eles já percebiam, já entendiam e a gozação era geral.

E acabamos tendo até uma festa na cabine: entre os seis, havia dois ciganos que traziam alguns instrumentos de sopro e de corda, estranhos e desconhecidos para nós. A certa altura,

eles começaram a tocá-los e a dançar – e, após a exibição, pediram e insistiram para que Kika e eu dançássemos. Foi uma viagem ótima e divertidíssima.

E, incrível ironia, com tanta dificuldade na linguagem, e tão longe de um Brasil que eles desconheciam, foi uma delícia ouvirmos o que tocava o rádio, em um táxi que tomamos na estação de Varna: O Barquinho, de Menescal e Bôscoli, numa versão orquestrada – uma recepção completamente inesperada. Mais tarde ficamos sabendo que a mímica do sim e do não é invertida na Bulgária e na Macedônia.

Eu tenho motivos, portanto, para acautelar-me com o significado que podem ter os gestos e atitudes para Tawé. Se lá, tão distante, o “sim” é “não” e vice-versa, aqui, a insinuação para ser convidado à sua casa pode significar, quem sabe, um pedido para que ele até me mande embora da Missão...!

Extraído do livro:
Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia
(Cap.6 – “A cobra ‘caba’” – pág. 113/119)